RUFANDO BOMB NEWS Notícias sem rodeios

Sábado, 07 de Novembro de 2026

Crises de combustível na Rússia aumentam pressão sobre Putin, mas rendição segue improvável

Ataques com drones da Ucrânia desestabilizam infraestrutura energética russa e forçam Kremlin a reconhecer danos. Confira análise.

Filas intermináveis de veículos tomam conta dos postos de gasolina em Moscou. Motoristas insatisfeitos passam horas aguardando por combustível em meio a uma escassez generalizada que afeta a capital de uma das maiores potências energéticas do planeta. Muitos relatam ter circulado o dia inteiro em busca de abastecimento, um cenário inédito em uma metrópole que permaneceu relativamente blindada dos efeitos diretos do conflito ucraniano.

A situação marca um ponto de inflexão significativo. Pela primeira vez desde o início da invasão, há cinco anos, os cidadãos russos enfrentam na prática as consequências daquilo que o Kremlin denomina "operação militar especial".

A campanha ucraniana de drones atingiu proporções sem precedentes no último mês, tanto em volume quanto em alcance geográfico. Em uma única noite da semana anterior, a Rússia reportou interceptação de 660 aeronaves não tripuladas espalhadas por 12 regiões, um dos maiores ataques desde 2022.

Os alvos não são aleatórios. Refinarias de petróleo, terminais portuários, embarcações navais e complexos de manufatura militar situados em território russo profundo são selecionados estrategicamente. O objetivo é simples: estrangular a economia de guerra russa, elevando custos financeiros e políticos da continuação do conflito.

A estratégia funciona. A imprensa independente russa documenta diariamente o agravamento da crise de abastecimento. Na Crimeia, anexada em 2014, a venda de combustível foi suspensa após declaração de estado de emergência na península.

Até o Kremlin, habituado a minimizar reveses, reconheceu a gravidade. Vladímir Putin presidiu reunião de emergência no fim de semana passado e admitiu queda alarmante nas reservas nacionais de gasolina. "Os problemas para motoristas e empresas persistem", concedeu o presidente russo aos auxiliares presentes, rompendo semanas de silêncio sobre o tema.

O líder russo revelou análise de proibição total de exportações de diesel, contradizendo declarações anteriores do próprio vice-primeiro-ministro. Uma força-tarefa foi formada para lidar com questões de combustível. Putin também alertou sobre riscos ao setor agrícola e pediu redução de "ataques terroristas contra alvos civis e infraestrutura", uma reformulação discursiva notável de quem havia descartado ataques de drones como irrelevantes.

A ironia da situação é palpável. Durante anos, a Rússia destruiu sistematicamente infraestrutura energética ucraniana - usinas, subestações, centrais de aquecimento - com objetivo deliberado de debilitar a população

civil. Agora Kiev inverte a lógica, e Moscou sente na prática as consequências dessa tática.

Líderes ocidentais veem sinais de mudança. Na cúpula do G7 na França, a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, foi categórica: "A maré está virando a favor da Ucrânia". Autoridades americanas e europeias afirmam que operações com drones sufocaram abastecimento russo e entregas de suprimentos militares, travando avanços de Moscou.

Um relatório do Conselho de Relações Exteriores aponta que intensificação de operações com drones permitiu à Ucrânia recuperar mais de 200 quilômetros quadrados de território em fevereiro, revertendo meses de ganhos russos.

O tom do presidente americano Donald Trump também mudou. Na cúpula do G7, afirmou que a Rússia "deveria fazer um acordo". Posteriormente, descreveu Volodímyr Zelensky como "corajoso" e que vai "muito bem" na guerra - palavras surpreendentemente positivas de um presidente que pressionava Kiev para negociar de posição fraca.

Zelensky foi explícito: com apoio adequado, a Ucrânia pode "criar rapidamente condições nas quais a Rússia será forçada a escolher a paz".

Contudo, seria equívoco supor que dificuldades econômicas atuais forçarão capitulação do Kremlin num futuro próximo. Putin construiu imagem de líder intransigente ao longo de décadas - capitulação, recuo ou concessões na Ucrânia são politicamente improváveis.

Com mais de um milhão de baixas conforme estimativas ocidentais e reivindicações sobre quatro regiões ucranianas não totalmente controladas, qualquer acordo não apresentável como vitória decisiva provocará tensões políticas internas severas.

Os "falcões" do círculo presidencial continuam insistindo que todo o Donbas pode e deve ser conquistado. Esse argumento não desaparece simplesmente porque refinarias queimam.

A escassez de combustível é real e dolorosa, mas não representa bandeira branca de rendição.